

A Tandu
0410812007
Salvador 12
História
Instituição (Forte do Barbalho)

PATRIMÔNIO | Governo federal cede uso de edificação histórica para governo do Estado, que quer instalar centro cultural

Um forte para as artes negras

IRACEMA CHEQUEER | AG. A TARDE



Depois de ser usado como prisão durante a ditadura, o Forte do Barbalho (construído após a invasão holandesa à Bahia) vai servir como centro de cultura negra. O governo anuncia a inauguração para 2008

MARY WEINSTEIN
mweinsein@grupoatarde.com.br

Em 18 de maio de 1638, Luiz Barbalho Bezerra destruiu definitivamente as tropas de Maurício de Nassau somente com as trincheiras que mandou construir. Assim documenta uma placa na fachada do Forte do Barbalho, edificação construída após a invasão holandesa para prevenir novos ataques à cidade pelo norte. Durante a ditadura, foi prisão, está nos relatos do professor e ex-deputado Emiliano José. Agora, o forte vai servir a outro campo, o das artes.

A secretária do Patrimônio da União, Alexandra Reshcke, veio de Brasília assinar o contrato de cessão de uso do monumento em favor do Estado ontem. O secretário de Cultura, Márcio Meirelles, tem a idéia de fazer um centro de cultura afro-brasileira no espaço que fica em um bairro tradicional, integrante do Centro antigo, mas não participante da chamada "revitalização" que afastou do Pelourinho seus moradores. O Barbalho ainda é residencial.

"Eu fiquei de estudar a construção de um corpo negro, com dança, teatro, capoeira, música, dança

O Forte do Barbalho passa a ser gerido pelo Estado por meio das secretarias da Cultura, da Igualdade e do Turismo, em parceria com a prefeitura (Secretaria da Reparação e Fundação Gregório de Mattos), além da Ufba e ONGs.

de carnaval, enfim, de todas as artes, e, assim, criar um centro de referência que seja também de estudos e de apresentação de espetáculos. E isso a gente quer construir junto com os grupos que já existem na cidade", disse o secretário. Conforme explicou, a partir das contri-

buições, o governo pretende criar um centro cultural dinâmico com espaço para um centro de memória. "Que seja um lugar com a contribuição das culturas afro-brasileiras para as artes cênicas sempre em reelaboração. E pensamos em viabilizar intercâmbios com paí-

ses da América Latina e África. É um conceito muito amplo. A gente teve pouco tempo para se debruçar sobre o forte, o forte das artes negras", disse Márcio Meirelles. O projeto prevê uma reforma com entrega para 2008.

Os vizinhos esperam poder usufruir da novidade. Gildete Vieira Freitas, 76, anos, temia que o forte fosse "destruído", e cita o da Lagartixa e o de Santo Antônio, que ficou bastante danificado, até o ano passado.

"É bem melhor do que ficar desativado", disse Gildete, que mora na Rua Monte Castelo desde que

nasceu. Ela conta que era o Exército que tinha a posse do Forte, de onde fugiam os soldados que não queriam ir para a guerra: "tanto que a gente via os que pulavam o muro do nosso quintal".

Gildete aproveita para pedir que a calçada do forte seja construída para evitar que os estudantes andem entre veículos. "Eu estudei no Icleia e tinha que passar pelo asfalto. Botaram uma placa de prefeitura trabalhando, que já está até se acabando", conta. "Vou tentar fazer parte desse centro. Também produzo cultura", disse a vizinha Danúbia Santos, 15 anos.

Edificação é página importante da história da Salvador antiga

"É o único forte da Bahia que ainda guarda o seu fosso. O do Forte de São Pedro foi inteiramente destruído", informa o historiador Cid Teixeira. Seu desenho se destaca pela forma quadrangular de suas muralhas, que envolvem um torreão circular, com influências das arquiteturas italiana e francesa.

O forte foi plantado em terreno doado pelos frades do Carmo. Ficava no meio de um vazio na extremidade norte da cidade. Este forte e o de Santo Antônio Além do Carmo tinham igual função – a de fechar a cidade e impedir a permanência do inimigo no alto da Soledade, como fez Nassau em 1638.

A portada do que se conheceu

como Fortaleza de Nossa Senhora do Monte Carmelo ou do Carmo ainda tem tribuna, também, parecida com a do Forte de São Pedro, possivelmente do século XIX. Por tudo isso, a edificação em alvenaria de pedra e cal que ficava a cavaleiro do Vale do Queimado foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Livro de História, em 1957.

Parte da praça em que ficava existiu até 1937, quando foi construído o Instituto Central de Educação Isaías Alves (Icleia). Em seu entorno, estão construções do início do século passado que começam a ser substituídas por outras mais recentes.



Detalhe do Forte do Barbalho, o único que ainda mantém seu fosso

REJANE CARNEIRO | AG. A TARDE | 8/12/2006

Transformar em centro cultural é meta desde a gestão anterior

A idéia de transformar o monumento em centro cultural vem desde o governo passado, que queria "revitalizar", também, o São Marcelo, o da Gamboa e o de Santo Antônio. Este último foi o único restaurado desde então.

Para reabilitar o do Barbalho, chegou a ser feita uma concorrência. A arquiteta ganhadora, Dange Cardoso, conta que o trabalho foi feito junto com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural.

"É a maior fortaleza da Bahia. Não está em péssimas condições, não está em ruínas. Está sendo mantido pelo governo. Precisa de obras de restauração", diz Dange Cardoso. Ela conta que o projeto que

desenhou previa oficinas de arte, laboratórios e um picadeiro de circo. Seriam escolas preparatórias. O forte seria preservado e apropriado para as ações. Originalmente, a área do fosso interno servia para evitar invasões – fica entre as duas muralhas paralelas que estão quatro metros acima dele. Neste projeto, seria destinada ao teatro.

Em 2004, foi encenada a peça *Evangelho segundo São Mateus*, dirigida pela coreógrafa Carmen Paternostro. Era um espetáculo itinerante que aproveitava grande parte dos 15 mil m² de área total e dos 2.800 m² de área construída. O cenógrafo era o atual diretor do Teatro Castro Alves, Moacyr Gramacho.